

# EPISÓDIOS DA VIDA PRIVADA, POLÍTICA E SOCIAL - O PARAGUAI NO TEMPO DOS LÓPEZ

Marco Antonio Cunha (\*)

## Considerações iniciais

Comprometidos com a História que somos, não temos medido esforços para desmascarar afirmações mal intencionadas, destinadas a distorcer fatos históricos, criar mitos e demolir outros tantos em benefício de interesses escusos. Considerando que no corrente ano celebramos os 140 anos da reação brasileira na guerra com o Paraguai, julguei oportuno apresentar mais um testemunho contrário a afirmações tais como de que aquele país vizinho era o mais progressista da América do Sul por ocasião do conflito. Um país sem analfabetos, governado democraticamente por um líder anti-imperialista e cujo moderno e bem sucedido sistema econômico era objeto da inveja e da agressão internacional.

O presente trabalho teve origem na leitura da obra **Episódios da vida privada, política e social na República do Paraguai**, escrita por Ildefonso Antonio Bermejo e publicada em Madri no ano de 1873.

Editado em português pela EdiPUC/RS (2002), com tradução, apresentação e notas de Earle D. Macarthy Moreira (Vice-presidente do IHGRS), o livro está repleto de relatos de terceiros e experiências pessoais

---

(\*) O autor é Coronel de Exército, Sócio Titular e 2º Vice-Presidente do IGHMB

do autor, que se esmera na descrição dos ambientes, dos costumes e da vida social paraguaia em meados do século XIX. Desta feita, o livro é interessante para quem procura entender o Paraguai dos López, onde andavam lado a lado o atraso mais lamentável e a ânsia de progresso, a tirania mais cruel e a bondade natural de um povo simples. A tradução, contudo, deve ser lida com muito cuidado, uma vez que o tradutor, por vezes, se equivoca no trato com os idiomas de Cervantes e Camões.

## O autor

Ildefonso Antonio Bermejo nasceu em Cádiz, em 1820, e morreu em Madri, em 1892. Incursionou pela historiografia, literatura e dramaturgia, mas foi, acima de tudo, um jornalista.

A publicação, em hora imprópria, de uma biografia do general liberal-progressista Baldomero Espartero, o Duque de La Victoria, de quem era grande admirador, levou Bermejo, recém-casado com Purificación Jiménez, a empreender uma inesperada, mas providencial, viagem de núpcias à França. Em Paris, dispendo de poucos recursos, teve a sorte de topar com o jovem general Francisco Solano López, de quem tornou-se amigo. López, ministro plenipotenciário de seu país junto a Napoleão, encontrava-se na Europa

a fim de adquirir material bélico, navios de guerra, contratar assessoria técnica e militar, bem como conhecer as mais novas conquistas nos campos da arquitetura, da educação, da saúde e da imprensa.

Aos 33 anos, inteligente, culto, com espírito aventureiro e, sobretudo, com as finanças em frangalhos, Bermejo encontrou no ambicioso general, seis anos mais jovem, a sua tábua de salvação. Em março de 1854, a bordo do vapor de bandeira inglesa Buenos Aires, nosso autor e sua mulher chegavam a Assunção, onde, conforme ele próprio faz questão de assinalar, pôde estudar e analisar o país com “extremado cuidado” mercê da confiança ilimitada que lhe depositava o presidente D. Carlos Antonio López.

### **A obra - antecedentes históricos**

O período marcado pela ditadura de D. José Gaspar de Francia (1814 - 1840) notabilizou-se por ter sido extremamente cruel e selvagem. O Paraguai ficou totalmente isolado do resto do mundo. Um sistema de isolamento tão perfeito que permitiu a entronização de um indivíduo que ditava leis com a certeza da obediência. Tanto que, praticamente, todos os homens capazes de descrevê-lo foram fuzilados. Naquela conjuntura, o maior delito que um cidadão paraguaio ou espanhol podia cometer era o de ser ilustrado. O “doutor” Francia não poderia permitir que existisse na República um homem que pudesse rivalizar com a sua

inteligência. Quando notava que alguém revelava valor intelectual que podia ser seu competidor, apto a ser eleito presidente, arranjava qualquer pretexto para mandar prendê-lo e fuzilá-lo, passados alguns dias. Quando soprava o vento sul, o mais frio naquelas paragens, intensificavam-se os terríveis acessos de hipocondria do ditador, que só se aplacavam mandando tirar do cárcere um paraguaio ou um espanhol para ser fuzilado em frente à sua casa. Um único homem conseguira escapar àquela desdita, apesar de sentenciado à morte após dois anos de calabouço, graças à morte de Francia na madrugada do dia marcado para sua execução: Carlos Antonio López. Um advogado ilustrado que fora salvo pela astúcia, conforme o visitante espanhol pôde apurar em conversa com um membro do alto escalão do governo.

Para escapar da perseguição de Francia, retirou-se com mulher e filhos para longe da capital e, sabendo que ainda assim poderia estar sendo observado, entregou-se à lavoura, andou descalço como os demais cidadãos e fingiu-se de maníaco. Pelos disparates que caracterizavam seus escritos na defesa de seus clientes, conseguira enganar o ditador e seus auxiliares, que o viam como louco e extravagante. Mas, no momento certo, tratou de ocupar o poder.

### **O Paraguai dos López**

Na república paraguaia, a Constituição admitia uma Assembléia, mas esta somente se

reunia em circunstâncias solenes, isto é, a cada dez anos, no final de um mandato presidencial, diante da necessidade de uma nova eleição.

Quando Bermejo e sua mulher chegaram a Assunção, D. Carlos cumpria seu segundo mandato. O espanhol pôde testemunhar toda a encenação em tomo da reunião do Congresso e a reeleição do presidente. Chegaram quando a nação paraguaia já havia estabelecido algumas relações com a Europa e a América. Encontravam um país com uma produção inexpressiva, desprovido de indústria capaz de incrementar o seu sistema econômico. Comerciantes estrangeiros conseguiam introduzir, em Assunção, grande quantidade de contrabando, a despeito de toda a vigilância policial exercida pelo governo. Encontraram, também, um Estado proprietário de mais de 1500 escravos, que utilizava e vendia como bem lhe parecia. Tinha-os reunidos em um lugar chamado La Rancheria, separados por sexo, idade e castas, para serem comercializados da mesma forma que o gado.

A capital paraguaia, na descrição do visitante, embora estivesse bem localizada, nada possuía de notável, nem templos nem edifícios públicos. As casas eram sumamente simples, muito poucas tinham mais de um pavimento. O piso dos cômodos geralmente era de chão batido e o teto composto com vigas e canas de taquara grossa. O mobiliário, mesmo nas residências de cidadãos mais importantes, era escasso e simples. As

ruas sem calçamento obrigavam os transeuntes a caminhar afundando seus pés em um palmo de areia. A casa de governo era uma construção de planta baixa, com muitas janelas sem vidraça e uma grande porta precedida de amplo e espaçoso corredor, coberto por um telhado sustentado por várias colunas de tijolos caiados. Era a única casa que dispunha de vidraças em alguns cômodos. As melhores construções existentes, não só na capital, mas em todo o país, remontavam à época dos jesuítas.

Bermejo trazia uma carta fechada enviada por Solano López a seu pai. Ignorava qual seria sua ocupação naquela República, mas as suas primeiras impressões, compiladas ainda durante a viagem, diziam-lhe que não deveria permanecer naquele lugar por muito tempo.

Durante a viagem a bordo do vapor Manolita, procedente de Buenos Aires, testemunhou situações inusitadas. Duas horas após terem entrado nas águas vermelhas do Paraguai, numa região conhecida por Três Bocas, tiveram que interromper a marcha para que fossem contados os passageiros, conferidos seus passaportes e registrado, minuciosamente, o dinheiro que cada um levava. A medida tinha como finalidade impedir que, ao sair do país, o visitante não levasse uma importância maior do que a que tinha ao entrar. Mais adiante, em Humaitá, foram confiscados todos os periódicos estrangeiros existentes na embarcação. Ao perguntar a razão daquele procedimento, Bermejo foi informado

de que as publicações seriam entregues ao brigadeiro da República, D. Venâncio López, filho do presidente, que se encontrava na fortaleza.

Tão logo desembarcaram na capital, foram levados à capitania do porto. Numa tosca dependência com janelas sem grades e vidraças, foram recebidos por um indivíduo com amplo chapéu de palha na cabeça, uma casaquinha de abas curtas e desabotoada, deixando ver sua camisa de listras azuis e amarelas, calça de algodão branca e descalço. O uso de calçados era privilégio dos melhor aquinhoados economicamente ou de altos funcionários do Estado. Era um curandeiro de tropa com honras de doutor em medicina, responsável por realizar escrupulosa inspeção sanitária, a fim de evitar que penetrasse em Assunção algum viajante com males endêmicos de outros povos americanos. Após o exame médico seguiu-se o das bagagens, tendo sido apreendido como instrumento suspeito uma máquina fotográfica levada por um jovem alemão, que fotografava a paisagem para o estereoscópio. Foram recolhidas, também, duas pistolas de propriedade de um comerciante argentino, com a promessa de que seriam restituídas quando fosse deixar o país. Cumpre destacar que o confisco era realizado sem que houvesse qualquer tipo de reclamação da parte prejudicada, uma vez que no Paraguai a réplica era tida como delito de lesa-pátria e poderia custar até a vida.

Terminada a inspeção, o capitão do porto desprende da parede uma tábua contendo algumas linhas manuscritas, que passou a ler com impostação:

“Viva a República do Paraguai! Morra o asqueroso e imundo Rosas, intitulado presidente da Federação! Morra o traidor Urquiza! Como presidente da República do Paraguai, ordeno e mando: todo estrangeiro, ao entrar nos domínios da República, observará as seguintes disposições: 1. Descobrir-se-á, respeitosamente, sempre que passar pela frente de uma sentinela de plantão. 2. Logo que haja escurecido, não poderá percorrer as ruas da povoação sem levar lanterna. 3. Quando andar a cavalo, não poderá galopar pela povoação. 4. Se dentro ou fora da povoação encontrar o chefe supremo do Estado, estando a pé, o transeunte fará alto e descobrir-se-á; a cavalo, apear-se-á e adotará o mesmo procedimento. 5. As multas em que incorrerem os contraventores desta ordem serão satisfeitas conforme a tarifa constante no Departamento de Polícia. Assunção, 07 de maio de 1843. Carlos Antonio López.”

A correspondência que chegara no vapor fora conduzida à casa presidencial, de onde sairia, um ou dois dias depois, após o exame do conteúdo das cartas cujos endereços despertavam suspeitas, para serem distribuídas aos interessados. Por esse motivo é que Bermejo trazia nos bolsos diversas cartas, que lhe foram entregues em Buenos Aires para chegar às mãos

de argentinos residentes no Paraguai. Os dois governos estavam com as relações estremecidas. Os naturais do estado platino eram tidos como suspeitos e, por isso mesmo, antipatizados e vigiados.

Chamado, no dia seguinte, à presença de D. Carlos Antonio López, nesse primeiro contato o visitante pôde presenciar cenas que evidenciavam traços marcantes da personalidade e da conduta do seu anfitrião. Com o passar do tempo, ele aprenderia que um chapéu branco, na cabeça ou ao lado do presidente, simbolizava contentamento. Um chapéu negro era sinal de irritação e desejos de castigo. Recebido de forma carinhosa e sem cerimônias, relatou, ao ser indagado, que não tivera uma noite das melhores devido aos morcegos que habitavam o teto de taquara e terra da residência que lhe fora oferecida. Ato contínuo e com expressão irada, o presidente determinou que fosse mandado chamar o Ministro da Fazenda e que um chapéu negro substituísse o branco sobre a sua mesa. A chegada do ministro, que empalideceu ao ver o chapéu negro, precedeu o discurso que se segue, ouvido numa atitude submissa: “Vocês não servem para nada. Vocês ministros são uns badulaques, e você é um animal! Acabo de saber que uma das melhores propriedades do Estado está sendo destruída pelos morcegos. Você se ocupará em buscar outra casa para este cavalheiro e, em seguida, levará dois escravos

pedreiros para levantar as telhas e acabar com os ninhos destruidores. Obedeça logo o que lhe foi mandado e desapareça da minha presença antes que eu lhe atire esta campainha na cabeça.”

Bermejo logo iria constatar que este era um tratamento corriqueiro dado pelo presidente aos seus ministros, simples “marionetes” em suas mãos.

Pouco depois, foi anunciado o Chefe de Polícia pedindo autorização para prender um alemão que possuía uma “máquina infernal”, com a qual, possivelmente pago pelos traidores de Buenos Aires, pretendia assassinar o presidente. A fim de impedir uma decisão injusta e cruel, Bermejo, que sabia do que se tratava, antecipou-se em explicar o uso que se fazia daquela máquina na Europa, livrando da prisão o seu proprietário.

Retomando à sua casa, o espanhol lá encontrou o Ministro da Fazenda sobre o telhado, às voltas com os ninhos de morcegos. Soube que lhe haviam destinado uma nova morada. Tratava-se, segundo o ministro, da melhor casa de propriedade do Estado. Estava ocupada por um relojoeiro, que recebera ordem de mudar-se em duas horas. Bermejo não havia ainda arrumado seus pertences para a mudança quando retomou o ministro com a contra-ordem. O relojoeiro tinha, em sua casa, para manutenção, as principais peças do relógio da catedral. A fim de que não houvesse retardo no conserto, nem a exposição

da máquina a acidentes, ficou decidido que o ilustre visitante iria ocupar uma das casas pertencentes a Solano López.

A chegada, pouco depois, de um comerciante argentino para quem o espanhol trouxera correspondência, iria possibilitar-lhe conhecer um pouco da aristocracia do país. Ele anunciava que uma vizinha e suas filhas se dispunham a visitar a esposa de Bermejo, porque era costume que o nativo saudasse o estrangeiro recém-chegado. Alertava, contudo, que era gente muito simples e que na cortesia havia um pouco de interesse. Sendo padeira, a visitante pretendia adiantar-se a outras aristocráticas damas, da mesma profissão, com o intuito de conseguir freguesia para seus produtos. Tratava-se de uma matrona de pouca estatura, rechonchuda e branca, e suas filhas vestindo trajes de seda sem adornos e com grandes xales franjados sobre os ombros. Estavam acompanhadas de uma mulata vestindo uma espécie de camisola branca de algodão (*tupoy*), uma larga faixa vermelha de lã (*chumbe*) na cintura e um lençol branco dobrado, que cobria sua cabeça como um manto. Trazia na boca um charuto aceso. Aliás, era costume local as mulheres fumarem charutos.

Fôra a primeira de diversas visitas aristocráticas. Seguir-se-iam a da lavadeira, da passadeira, da doceira, etc.

Pouco a pouco Bermejo ia inteirando-se dos costumes do povo e das artimanhas do governo

paraguaio. Convidado para almoçar na casa do comerciante argentino, ficou sabendo, por exemplo, que às 12h00 ficava suspenso qualquer tipo de trabalho. Todos comiam e entregavam-se ao repouso da *siesta* até às 14h00, quando retomavam-se as atividades.

Da comida paraguaia que, de um modo geral, não lhe agradava ao olfato nem ao paladar, conheceu o *chipá*, pão confeccionado com farinha de mandioca, leite, ovo e queijo, invenção dos missionários jesuítas para compensar a carência de farinha de trigo, que viria tornar-se uma preferência nacional.

Após a refeição, deitado em uma rede que lhe fora oferecida, soube por seu anfitrião que deveria ser muito cauteloso nas conversas sobre o país. “Os espias do governo”, dizia ele, “se encostam nas janelas das casas suspeitas para dar conta depois ao Chefe de Polícia do que dizem os estrangeiros a respeito do país”. Os próprios empregados eram usados para esse fim. Portanto, era necessário muito cuidado para evitar multas inesperadas, encarceramentos imprevistos, confiscos injustificados e expulsões violentas de estrangeiros.

Certa vez, de passagem por um povoado chamado Luque, Bermejo e sua esposa decidiram assistir a uma missa, na única igreja existente naquelas paragens. Para o santo sacrifício os habitantes do lugar vestiam-se como se fossem a uma festa, com trajes mais ou menos padronizados, homens e mulheres descalços. Na descrição das

características do templo, uma curiosidade merece destaque: havia três portas no santuário – uma principal, diante do altar-mor, e duas laterais. Em frente a cada porta havia uma coluna de madeira sobre a qual repousava um urinol servindo de pia de água benta. De acordo com o que Bermejo pudera apurar, quando a dita vasilha foi introduzida no país, os paraguaios, ao vê-la tão primorosa e brilhante, não puderam conceber que se destinasse a usos tão plebeus. Tanto assim que, tempos depois, uma paraguaia das mais distintas de Assunção iria brindar o casal espanhol com um urinol cheio de doce de goiaba.

Naquele dia, em Luque, iriam vivenciar um episódio dos mais constrangedores. Em dado momento, o sacerdote, detendo-se diante da esposa de Bermejo, deu início ao seguinte discurso:

- Quem és, ruiva de Satanás? Alguma estrangeira protestante?

- Senhor - exclamou a senhora - eu sou católica!

- Pois se és católica, como te apresentas no templo de Deus com a cabeça descoberta? - E, num ímpeto furioso, lançou-lhe sobre a cabeça um lenço de linho dizendo:

- Põe este trapo na cabeça e dá decoro ao sacrifício da missa!

Humilhada, a senhora deixou o templo, chorando e atraindo a curiosidade dos devotos.

Índignado com a cena, um amigo que acompanhava o casal declarou que o presidente haveria de tomar conhecimento do fato, uma vez que

o juiz e o chefe de urbanos a tudo presenciaram e que aquela atitude do sacerdote iria custar-lhe muito caro.

Preocupado com o que poderia acontecer com o cura, Bermejo resolveu conversar com as autoridades locais, a fim de interceder pelo agressor. Ao inteirar-se das conseqüências que poderiam advir da sua conduta, o sacerdote derramou-se em pedidos de perdão. Suas vítimas perceberam, no entanto, que a retratação era feita mais pelo temor da pena do que pelo reconhecimento do agravo.

Instalado em sua nova residência, o espanhol ansiava por saber qual seria sua ocupação naquela república, na qual persistia-lhe a idéia de que não haveria de permanecer por muito tempo, uma vez que as impressões recebidas, até então, eram pouco lisonjeiras. Soubera, por exemplo, do caso de um jovem comerciante de tabaco, de aproximadamente 20 anos, que, não sendo branco de linhagem, fora açoitado, barbaramente, por fazer uso de uma balança sem o selo judicial ou marca de polícia, garantia da legalidade do instrumento. Mais assustador foi saber que o infeliz era filho de uma escrava com o juiz que descobrira a fraude e o sentenciara. E ainda que tais atos de crueldade eram as recomendações mais eficazes para as autoridades civis e militares granjearem as simpatias do presidente.

Mandado chamar por D. Carlos López, foi informado do retorno de D. Francisco Solano e soube, finalmente, o que dele se esperava. Em

Assunção publicava-se, aos domingos pela manhã, um periódico denominado **El Semanario**, cujo redator era o próprio presidente. Afirmado ter-lhe toda a confiança, D. Carlos decidiu encarregá-lo daquela e de qualquer outra publicação que se fizesse necessária. Visando a testar seu desempenho na redação segundo o estilo paraguaio, além da promessa de mandar-lhe uma coletânea do que já fora publicado, disse-lhe: “Redija-me um paragrafozinho primoroso, em espanhol moderno, sobre uma execução verificada hoje ao amanhecer contra um desgraçado que foi passado pelas armas, por desacato de lesa-República. Encareça a disciplina, a obediência ao poder supremo e comente as conseqüências que acarretam os desacatos ao supremo poder da República.”

Bermejo retomou à sua casa e leu de ponta a ponta o processo. Tomado de indignação pelo que acabara de ler, jurou sair do país no primeiro navio com destino a Buenos Aires. Tratava-se, apenas, de mais uma das inúmeras barbaridades perpetradas, freqüentemente, pelo mandatário daquela “próspera” república. O réu era um modesto fazendeiro possuidor de algumas cabeças de gado e alguns alqueires de terra onde cultivava tabaco. Era um cidadão honrado cujo único defeito era ser excessivamente dado a apostas em corridas de cavalos. Certa vez, excedeu-se na bebida ao comemorar uma grande conquista e, embriagado, tornou-se inconveniente

em praça pública. A algazarra, em face do avançado da hora, despertou o chefe da milícia urbana, que o repreendeu. Este, ao ser agredido com frases desaforadas, resolveu prender o infrator no corpo da guarda. Irado, o fazendeiro disse: “Tu não tens culpa do que me fazes, mas sim a *añái* pançudo, que nomeia autoridades tão imbecis.”

Assustado, o policial dirigiu-se à casa do juiz de paz a fim de que, juntos, definissem o castigo pela injúria contra o presidente.

Cumpre destacar que os juízes de paz eram leigos, escolhidos pelo presidente. Muitas vezes, eram lavradores, investidos no cargo não remunerado, como castigo. Não se dedicando, convenientemente, ao seu trabalho, não poderia enriquecer, o que, em última instância, era a intenção do governo.

Em sua conferência com o juiz de paz, o chefe de urbanos dizia: “Eu o perdoaria, porque sei que quando curar a bebedeira, vai arrepender-se do que disse; mas se alguém o escutou? Podem contar à S<sup>a</sup>. Ex<sup>a</sup>, e a tolerância poderá custar me caro.”

Chamado o mordomo da igreja, que era a terceira autoridade do povoado, decidiram em triunvirato que nada fariam a não ser dar conta do ocorrido ao poder executivo. D. Carlos leu o comunicado e decretou: “Venha à capital, imediatamente, esse vilão traidor, com uma barra de grilhões e com a correspondente custódia, e que seja entregue ao alcaide do cárcere, e me dado conta

de sua chegada.”

A ordem foi cumprida e, às quatro e meia da manhã seguinte, o fazendeiro foi fuzilado. E era para informar essa horrível execução, no periódico **El Semanario**, que o espanhol fora chamado por D. Carlos López.

Em visita a Solano López para cumprimentá-lo por sua chegada, aproveitou para dizer-lhe que não estava disposto a elogiar um ato que nada mais era que um inconcebível abuso criminoso de poder e que pretendia embarcar para Buenos Aires o quanto antes. O general, então, pediu-lhe que ficasse. Disse-lhe que o mal já estava feito, mas, juntos, com o passar do tempo, iriam amenizar o rigor da magistratura de seu pai, cujo comportamento, comparando com a ditadura Francia, era dulcíssimo. Na verdade, conforme fora possível constatar, D. Carlos Antonio López seguia em quase todos os pontos os excessos e o sistema político de seu antecessor.

Bermejo redigiu um texto de forma que, se lido no exterior, não desabonasse a primeira autoridade paraguaia. Fizera-o a pedido do amigo que, pessoalmente e com muito cuidado, encarregou-se de despachar com seu pai, uma vez que o homem enfurecia-se com opiniões contrárias às suas, considerando-as como atos de rebeldia.

Uma das primeiras ocupações oficiais do espanhol foi a instalação de uma imprensa. Os instrumentos existentes não eram bons, mas o general López trouxera da França

uma tipografia completa que, em pouco tempo, foi montada e posta em funcionamento.

Os paraguaios eram, por natureza, dóceis e sensíveis a todo tipo de ensinamento. Sua mansidão lhes fora transmitida pelos jesuítas, cuja dominação era exercida sem tirania. Seus sucessores, em lugar da persuasão, empregavam o látigo. Acostumados a obedecer, com a vinda dos ditadores os paraguaios entregaram-se à submissão servil e temerosa, que os tornou desconfiados. Eram reconhecidos, afetuosos e, em geral, honrados e cumpridores de suas palavras.

Não era comum haver ladrões nas áreas urbanas ou em lugares ermos. As autuações e os processos eram facilitados pelos próprios delinqüentes, por sua rara franqueza. A esse respeito, Bermejo citou alguns casos.

Os cidadãos paraguaios tinham o dever de servir à pátria, sempre que o Estado os requisitasse, sem esperar retribuição. Era comum, naquelas paragens, soldados se apoderarem de uma carreta puxada por bois e obrigarem seu dono a carregar tijolos ou madeira para alguma obra pública. Da mesma forma, entravam em oficinas, levavam operários para trabalhar em alguma obra do Estado e, à noite, despediam-nos sem qualquer pagamento.

Certa vez, um jovem carpinteiro que mantinha sua mãe com o produto do seu trabalho, foi desviado de suas tarefas por três dias consecutivos,

faltando-lhe o salário. A fim de não perder o quarto dia, antecipou-se, saiu de madrugada, indo trabalhar na carpintaria de um francês. Surpreendido enquanto dormia a sesta após o almoço, foi intimado à imediata conclusão do serviço que lhe fora determinado. Indignado, o rapaz matou seu algoz a facadas. Mas, apesar da possibilidade de fuga, vestiu-se e apresentou-se ao Chefe de Polícia. Foi preso e, dez dias depois, resignado, foi fuzilado.

Particularmente no campo, os desvios de comportamento, qualificados segundo os padrões morais europeus, ocorriam mais por ignorância do que por vício. A maioria dos camponeses paraguaios não conhecia seus pais. Examinando matrículas em Humaitá, o espanhol pôde observar que de 5.900 soldados, apenas 73 contavam com o registro dos nomes de seus pais.

Ao concluir seu relato, Ildefonso Antonio Bermejo afirma que, nos últimos cinco anos em que viveu no Paraguai, aquela república experimentou significativa mudança de fisionomia, mas teria prosperado mais se Solano López não tivesse decidido dar continuidade à conduta ditatorial de seu pai. Por ocasião da morte de D. Carlos Antonio López, o país dispunha de um arsenal onde eram fabricados seus navios e vapores; a administração estava organizada; havia escolas e um seminário; contava com fortalezas dotadas de canhões modernos; o exército tinha um efetivo numeroso e bem disciplinado.

Despedindo-se de Solano López, que acabara de assumir a Presidência devido ao falecimento de D. Carlos Antonio López, em 10 de dezembro de 1862, o espanhol disse-lhe estar decepcionado por vê-lo mais opressor do que seu finado pai; que não queria testemunhar a ruína total do Paraguai. Solano respondeu-lhe que ele era um soldado, que tinha que declarar guerra ao Brasil para fazer-se respeitar pelas repúblicas vizinhas.

### **Considerações finais**

Na apresentação do livro, Earle Macarthy Moreira cita Juan Pablo Olivier, argentino conhecido por seus trabalhos sobre história econômica, que valoriza a atuação de permeio no sentido de sacudir a letargia cultural dominante em Assunção, não só como diretor do periódico oficial “El Semanário” e criador de seu substituto temporário **El eco dey Paraguay**, mas também como criador da primeira revista literária do país, **La Aurora**. Além disso, Bermejo idealizou e implantou a primeira Escola Normal, mais adiante substituída pela “Aula de Filosofia”, considerada como “o embrião de uma Escola de Humanidades, que durou até a saída de Bermejo do Paraguai”.

A operosidade do espanhol, que criou, também, o Teatro da Ópera, organizou bailes de máscaras, ciclos de conferências e escreveu peças teatrais, movimentou a velha e modorrenta capital no tempo em que ele lá permaneceu. É bem verdade que, para isso, foi muito bem pago,

na opinião de Olivier. Segundo ele, de 1855 a 1861, os vencimentos de Bermejo variaram de 50 a 100 pesos fortes mensais, valores elevados se compararmos com os salários dos ministros, situados entre 15 e 20 pesos fortes mensais.

Encarregado da redação ou, pelo menos, da revisão gramatical das notas oficiais destinadas ao exterior, Bermejo tinha como dever principal, fazer a apologia do governo e de sua política. Seu livro, na conclusão de Juan Pablo Olivier, “se reduz a um conjunto de imagens tomadas ao vivo, recordadas dez anos depois e estampadas sem alardes científicos, como meras impressões pessoais”.

Após quase uma década de permanência no Paraguai, o casal Bermejo, em março de 1863, sob o pretexto de ir receber uma herança, retornou à Espanha. Segundo Macarthy Moreira os motivos foram outros. Pesaram bastante na decisão os rumores de um conflito armado com o Brasil e a aversão de madame Lynch por D. Purificación, devido à sua língua afiada e seus modos atrevidos.

Sobre Ildefonso Bermejo e **Episódios da vida privada, política e social na República do Paraguai**, a opinião dos escritores platinos varia desde a aceitação do livro como um testemunho de inegável valor para a História até a execração tanto da obra quanto do autor.

Entre os historiadores paraguaios há os que desconsideram, por completo, tanto o autor quanto seu livro, omitindo qualquer referência a

seu respeito. Há, contudo, os que lhe reconhecem os méritos.

Josefina Pla, em seu **La cultura paraguaya y el libro**, de 1983, enfatiza a importância de Bermejo como escritor, professor, jornalista e homem de teatro para o desenvolvimento das atividades culturais do país.

Arturo Bray, um dos mais importantes autores paraguaios dos últimos 50 anos, dedica-lhe apenas uma linha em **Hombres y épocas del Paraguay**, citando-o como redator do **Eco del Paraguay**, de curta duração.

Deixando-se de lado a polêmica estabelecida em relação à qualidade moral do depoimento de Bermejo após ter retornado à Espanha, sobre o que presenciou e ouviu no Paraguai, não existe a menor dúvida de que enquanto esteve em Assunção, prestigiado e bem remunerado, o tom de seu discurso era outro. No editorial necrológico publicado no **Semanário** nº 439, refere-se ao finado D. Carlos como homem íntegro, austero e incompreendido, que não havia tido outro objetivo na vida senão o bem da pátria, tendo sido forte com os fortes, manso e atencioso com os desvalidos, indulgente e generoso com seus inúmeros ofensores. É óbvio, o presidente retratado em 1873 era muito pouco parecido com o falecido em 1862, e o conteúdo de sua obra reforça a opinião de Francisco Doratioto, no livro **Maldita guerra - Nova história da Guerra do Paraguai**, quando nos diz que é

fantasiosa a idéia de que o Paraguai dos López promovia uma industrialização auto--sustentada e de que tratava-se de um Estado com igualdade social e educação avançada.

Quanto a Solano López, que, contando apenas 18 anos, fora incorporado ao Exército no posto de coronel, sem ter passado pela caserna ou por uma escola militar, e, com 19, fora promovido a brigadeiro e nomeado Chefe do Exército e Ministro da Guerra, assumiu o poder dando continuidade à conduta

ditatorial do pai. Tinha como objetivo prioritário a organização de uma força militar capaz de impor respeito aos países vizinhos. Contudo, sua vaidade, caráter deformado e violento, bem como o despreparo, levaram-no a uma seqüência de equívocos, desmandos e atrocidades, que resultaram, como todos sabemos, no fracasso em uma guerra insensata quando luziam em sua pátria os primeiros albores de sua regeneração política e social.